

Alexandre Bitencourt

Como a mídia-educação e a inovação curricular
podem transformar a escola pública

LANÇAMENTOS



**A FESTA SURPRESA DA
CHAPEUZINHO VERMELHO**
de Cleia Teixeira

INTERVALO POÉTICO
de J. Wilton



Coordenaram esta edição: Manuel Francisco Neto / Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco / Vilma Maria da Silva

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/g2yjn63>

Editor Responsável: Antônio Raimundo Pereira Medrado
Editor correspondente (ANGOLA): Manuel Francisco Neto

Bibliotecária:
Patrícia Martins da Silva Rede

Coordenação editorial:
Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Isac dos Santos Pereira
José Wilton dos Santos
Patrícia Martins da Silva Rede
Vilma Maria da Silva

Jornalista:
Luciana Cardoso de Souza

Colunistas:
Prof. Dr. Adefilson Batista Lins
Profa. Bianca de Assis Pirahy
Prof. Dr. Isac Chateuneuf
Jornalista João Domingos Terin (William Terin)
Profa. Ma. Cleia Teixeira da Silva
Prof. Me. José Wilton dos Santos
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza

Coordenação editorial (Angola):
Manuel Francisco Neto
Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

Web-edição:
T.I. Lee Anthony Medrado

Assessoria Jurídica
Júlio César dos Santos
OAB/SP 344263

Com. de Avaliação e Leitura:
Prof. Dr. Adefilson Batista Lins
Prof. Dr. Alexandre Passos Bitencourt
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza
Profa. Bianca de Assis Pirahy
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Me. Edson da Conceição Graça (Angola)
Prof. Me. Isac dos Santos Pereira
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto (Angola)
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco (Angola)
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza
Prof. Me. Tavares dos Santos Muhongo (Angola)
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo
Prof. Me. Wilder Dala Quinjango (Angola)

Contatos
Tel. 55(11) 99543-5703
Whatsapp: 55(11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)
netomanuelfrancisco@gmail.com (Luanda)
<https://primeiraevolucao.com.br>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 7, n. 66 (ago. 2026). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2026. 360 p. : il. color

Bibliografia
Publicação contínua desde 2020.
Bimestral
e-ISSN 2675-2573
Disponível apenas online.
Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>
DOI: <https://doi.org/10.52078/g2yjn63>

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

Em parceria com:



São Paulo | 2026

Publicada no Brasil por:

Livro Alternativo
www.livroalternativo.com.br

CNPJ: 28.657. 494/0001-09

05 EDITORIAL

Antonio R P Medrado

08 O pertencimento também se constrói à mesa: quando a alimentação escolar encontra os Direitos Humanos

Mirella Clerici

10 Ciência, Tecnologia & Sociedade

Adeilson Batista Lins

12 POIESIS

J. Wilton

14 Alexandre Bitencourt: como a mídia-educação e a inovação curricular podem transformar a escola pública

Luciana Cardoso de Souza



ARTIGOS

1. ESTÍMULO DA PRÓ-SOCIABILIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR: COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS, CONVIVÊNCIA E DESAFIOS NO COLÉGIO COMANDANTE BULA-PROVÍNCIA DO HUAMBO-ANGOLA	23
Alberto Praia Tchinhama	
2. A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM COMO INSTRUMENTO DE PROMOÇÃO DA QUALIDADE DE ENSINO NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR EM ANGOLA	29
António dos Reis Fançony /Calunda dos Santos Jorge /Sabalo João Luanda	
3. O ESTUDO DA DISTÂNCIA ENTRE DOIS PONTOS NO PLANO CARTESIANO: UM ESTUDO APLICADO AO ENSINO DA GEOMETRIA ANALÍTICA NA 10.ª CLASSE	35
Armando Kangolo Basílio /Denilson Genito Moisés dos Anjos /Ngombo Rodrigues Lucau	
4. CIBERSEGURANÇA, GUERRA CIBERNÉTICA E DINÂMICAS MIGRATÓRIAS: A NOVA DIMENSÃO DOS CONFLITOS E OS DESAFIOS PARA OS ÓRGÃOS DE SEGURANÇA E DEFESA	44
Augusto Hudson Simeão	
5. DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ENTRE A AVALIAÇÃO FORMATIVA E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE A INFÂNCIA	53
Carina Fardim Soares	
6. O DIREITO FUNDAMENTAL À EDUCAÇÃO NO ORDENAMENTO JURÍDICO ANGOLANO E A REALIDADE EDUCATIVA: HÁ, NA PRÁTICA, CONDIÇÕES SUFICIENTES DE ASSEGURAMENTO DESTES DIREITOS?	61
Chiquito Afonso Fernando Domingos /Gouveia de Oliveira Ngunza da Silva	
7. ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA O AVANÇO DA ESCRITA DO ALUNO PRÉ-SILÁBICO: CONTRIBUIÇÕES DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA E DO LETRAMENTO	72
Cirlene Alves de Oliveira	
8. RECONHECIMENTO DE ANGOLA AO GOVERNO DE TRANSIÇÃO DE BURKINA FASO: ANÁLISE SOBRE AS MENSAGENS DO PRESIDENTE JOÃO LOURENÇO AO IBRAHIM TRAORÉ	80
Daniel Cordeiro	
9. PREPARAÇÃO PSICOLÓGICA COMO REFORÇO POSITIVO NA RECUPERAÇÃO DE PACIENTE	85
Edgar Francisco da Silva Gonçalves	
10. ESPAÇOS EXTERNOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: MARCOS NORMATIVOS, QUALIDADE E CONTRIBUIÇÕES DE PESQUISAS SOBRE AS PRÁTICAS INSTITUCIONAIS	90
Elaine Santos do Nascimento	
11. O PSICÓLOGO COMO SOLUCIONADOR DE PROBLEMAS E MITIGADOR DE DANOS:DUAS FUNÇÕES ESSENCIAIS NA PRÁTICA CLÍNICA CONTEMPORÂNEA	97
Esmael Joaquim Machado	
12. POLÍTICA EDUCATIVA EM ANGOLA E A GARANTIA DO DIREITO NA EDUCAÇÃO	100
Faustino Moma Tchippesse	
13. A APRENDIZAGEM DO FUTSAL ESCOLAR COM JOGOS ESPORTIVOS COLETIVOS NA DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	106
Fernando Leite Miranda	
14. A ALTERIDADE NO PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO DO SER	113
Gersiane Alves Pavão	
15. A INDISCIPLINA NA ESCOLA: NOTAS DE UM ESTUDO REALIZADO NA ESCOLA NGUENDELAMBA VIN-105	119
Guilherme Mateus Moma	
16. EFICÁCIA REGULATÓRIA DO KWENDA: UMA PERSPECTIVA DA ANÁLISE ECONÓMICA DO DIREITO	126
Gustavo Bruno Wandaqueia António	
17. A TEORIA DOS DOIS FACTORES DE HERZBERG NO COMPORTAMENTO ORGANIZACIONAL: UMA ANÁLISE SOBRE MOTIVAÇÃO E SATISFAÇÃO DOS COLABORADORES	135
Irma Cristina de Moraes Chinhema	
18. ENSINO COLABORATIVO NAS SALAS DE ENSINO FUNDAMENTAL II DA REDE MUNICIPAL DE SÃO PAULO À LUZ DO DESENHO UNIVERSAL PARA A APRENDIZAGEM (DUA)	142
Jeam Rodrigo de Oliveira	
19. DO ANALFABETISMO À AUTONOMIA FEMININA: IMPACTO DO PROJECTO OKUTANGA NA VIDA DAS MULHERES ZUNGUEIRAS	151
João Eduardo Quinseque /Mário Jamba Artur /Daniel Marculino Muenho /Eugénio Chicapa /Lília Stevens de la Cruz	
20. RECOMPOSIÇÃO DAS APRENDIZAGENS NO ENSINO FUNDAMENTAL: O PAPEL DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA NA ARTICULAÇÃO ENTRE AVALIAÇÃO, FORMAÇÃO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	161
Joice Pereira Marques	
21. A GESTÃO ESCOLAR E O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO: PERCEPÇÕES DOCENTES SOBRE PARTICIPAÇÃO, LIDERANÇA E TRABALHO PEDAGÓGICO	170
Katia Aparecida de Sousa Lima	
22. PRECONCEITO LINGÜÍSTICO E REGIONALISMO: A VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA BRASILEIRA	178
Luciana Cardoso de Souza	
23. ENVELHECIMENTO COMO PROBLEMA E COMO OPORTUNIDADE	181
Luís Venâncio /Elizabeth Hama Francisco	

24. A LEITURA LITERÁRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: EXPERIÊNCIAS E MEDIAÇÕES NO DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS	188
Lusilene da Rocha Alves	
25. ENTRE O PRESCRITIVO E O NARRATIVO: A NATUREZA HÍBRIDA DO CURRÍCULO DA CIDADE DE SÃO PAULO E OS ESTUDOS DE GÊNERO E DA SEXUALIDADE]	198
Marcelo Cunha	
26. EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO CURRÍCULO DA CIDADE DE SÃO PAULO: PRINCÍPIOS, DIREITOS DE APRENDIZAGEM E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	215
Maria Angela Ferreira Oliveira	
27. PROGRAMA DE GARANTIA DA QUALIDADE ACADÊMICA NO INSTITUTO SUPERIOR POLITÉCNICO DO BITA	218
Maria Canga Álvaro	
28. EDUCAÇÃO INTEGRAL NA REDE MUNICIPAL DE SÃO PAULO: DA CIDADE EDUCADORA AO PROGRAMA SÃO PAULO INTEGRAL	224
Maria Elena dos Santos Silva	
29. A ROTINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ENTRE A ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA E AS NECESSIDADES DA CRIANÇA	227
Maria Madalena Sampaio Silva	
30. DIAGNÓSTICO PRÉ-HOSPITALAR DO ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL: PERCEPÇÃO DE ENFERMAGEM SOBRE O USO DA ESCALA DE CINCINNATI	237
Mário Adelino Miranda Guedes	
31. A PERTENÇA ALÉM DA MATRÍCULA: EXPERIÊNCIAS DE ACOLOHIMENTO LINGÜÍSTICO, CULTURAL E ALIMENTAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL COMO PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS	242
Mirella Clerici	
32. A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL NA INFÂNCIA: PEDAGOGIA DA ANCESTRALIDADE E LITERATURA COMO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA	255
Nayane Brito Veras Godinho Hermisdorf	
33. A HISTÓRIA DA MATEMÁTICA NA ANTIGUIDADE: CONTRIBUTOS PARA A APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES DO 1 ANO DO CURSO DE ENSINO DA MATEMÁTICA	267
Ngombo Rodrigo Lucau /Denilson Genito Moisés dos Anjos	
34. ESTUDO DE CASO DA ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL DO DANDE, BENGO NO PERÍODO DE 2023 - 2025	275
Panzo Manuel Bunga	
35. O USO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR: UMA ADEQUAÇÃO A NOVA TENDÊNCIA PEDAGÓGICA, CASO DO INSTITUTO SUPERIOR LUSÍADA DO HUAMBO-ANGOLA	281
Pedro Isaac /Walter Albino António Sassoma	
36. PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PERÍODO PANDÊMICO	286
Rafaela Gois Zirpolo	
37. O BRINCAR E AS INTERAÇÕES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: FUNDAMENTOS PEDAGÓGICOS PARA A ORGANIZAÇÃO DE ESPAÇOS, TEMPOS E EXPERIÊNCIAS	291
Roseli Brito Tenório Ramos	
38. A FORMAÇÃO DOCENTE NA ERA DA EDUCAÇÃO DIGITAL: SABERES, CIDADANIA E DESAFIOS EMERGENTES	300
Suellen Vidal Araújo da Silva	
39. O BRINCAR COMO FERRAMENTA DO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E MOTOR NA INFÂNCIA	307
Talita Torraca Vieira da Silva	
40. FACTORES DE RISCOS ASSOCIADOS À INSUFICIÊNCIA RENAL CRÓNICA EM PACIENTES ATENDIDOS NO CENTRO DE HEMODIÁLISE DO HOSPITAL DO PRENDA NO PERÍODO DE JUNHO A JULHO DE 2025	310
Tamara Garcia Calixto /Belkis Tomilson Garcia /Tomas Miriam Tabares	
41. SAÚDE E EDUCAÇÃO: INTERSETORIALIDADE ENTRE SUS E ESCOLA NA PROMOÇÃO DO CUIDADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	317
Tatiana Miranda Lima	
42. FATORES ASSOCIADOS AO ABANDONO ESCOLAR DOS ALUNOS DO I CICLO NA COMUNA DE CAITOU, MUNICÍPIO DA BIBALA PROVÍNCIA DO NAMIBE	325
Teresa Francisca Nkhulwavo /Domingos Tchinhama Mangundu /Betsabé Pompa Abreu	
43. EDUCAÇÃO INFANTIL COMO TERRITÓRIO DE DIREITOS: EXPERIÊNCIAS, QUALIDADE E INTENCIONALIDADE PEDAGÓGICA	331
Valquiria Souza Cardoso	
44. DIÁLOGOS E SABERES BIOCULTURAIS E O SEU PAPEL ESTRUTURANTE NA EDUCAÇÃO PARA A BIODIVERSIDADE ENTRE COMUNIDADES KHOISAN DE ANGOLA E POVOS INDÍGENAS DO BRASIL	338
Valter Joaquim Vidal	
45. CONSUMO EXCESSIVO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS NA ADOLESCÊNCIA: PERSPECTIVAS SOCIOLÓGICAS PARA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA EM ANGOLA	344
Vidal António Machado	
46. A SITUAÇÃO SOCIOECONÓMICA DAS FAMÍLIAS MONOPARENTAIS: CASO DO MUNICÍPIO DO CHINJENJE-PROVÍNCIA DO HUAMBO	350
Walter Albino António Sassoma	

**ESTA REVISTA É MANTIDA E FINANCIADA POR PROFESSORAS E PROFESSORES.
SUA DISTRIBUIÇÃO É, E SEMPRE SERÁ, LIVRE E GRATUITA.**

A **REVISTA PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial idealizado pela **Edições Livro Alternativo** com o objetivo de **empoderar e inspirar educadores** na jornada de compartilhar suas pesquisas, estudos, experiências e relatos de vivências.

UM CORPO EDITORIAL DE EXCELÊNCIA:

Nossa equipe conta com especialistas, mestres e doutores(as), todos com vasta experiência na rede pública de ensino, além de profissionais experientes nas áreas do livro e da tecnologia da informação. Essa expertise garante a qualidade e o rigor científico das publicações da revista.

INDEPENDÊNCIA E AUTONOMIA:

Um dos nossos diferenciais é a total independência, viabilizada pelo **financiamento colaborativo de professores e professoras**. Essa autonomia nos permite defender a liberdade de expressão e a diversidade de ideias, priorizando a qualidade dos conteúdos e o impacto positivo na educação.

PROPÓSITOS QUE IMPULSIONAM A TRANSFORMAÇÃO:

- **Promover o debate** crítico e reflexivo sobre os diversos aspectos da educação, com base nas vivências, pesquisas, estudos e experiências dos profissionais da área;
- **Proporcionar a publicação** de livros, artigos e ensaios que contribuam para o aprimoramento da educação e o desenvolvimento profissional dos educadores;
- **Apoiar a publicação** de obras de autores independentes, democratizando o acesso à informação e promovendo a diversidade de vozes;
- **Incentivar o uso de softwares livres** na produção de materiais didáticos e na difusão do conhecimento, promovendo a inclusão digital e a redução de custos;
- **Fomentar a produção de livros** por professores e autores independentes, reconhecendo e valorizando a experiência e o saber dos profissionais da educação;

PRINCÍPIOS QUE GUIAM A NOSSA ATUAÇÃO:

- **Priorizar trabalhos voltados para a educação**, cultura e produções independentes, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e democrática;
- **Utilizar exclusivamente softwares livres** na produção de livros, revistas e materiais de divulgação, promovendo a transparência, a colaboração e a acessibilidade;
- **Incentivar a produção de obras coletivas** por profissionais da educação, fomentando a colaboração e o compartilhamento de conhecimentos;
- **Publicar e divulgar livros de professores** e autores independentes, valorizando a diversidade de vozes e perspectivas na educação;
- **Respeitar a liberdade e autonomia** dos autores, garantindo a originalidade e a autenticidade das obras publicadas;
- **Combater o despotismo, o preconceito e a superstição**, defendendo os valores da democracia, da tolerância e do respeito à diversidade;
- **Promover a diversidade e a inclusão**, valorizando as diferentes culturas, identidades e experiências presentes na comunidade educacional.

A **REVISTA PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um movimento pela transformação da educação, um espaço para a colaboração, o aprendizado e a inovação.

Junte-se a nós e faça parte da construção de um futuro mais promissor para a educação!

INSTITUIÇÕES PARCEIRAS



Indexadores:



Filiada à:



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres



Platform & workflow by
OJS / PKP



DIÁLOGOS E SABERES BIOCULTURAIS E O SEU PAPEL ESTRUTURANTE NA EDUCAÇÃO PARA A BIODIVERSIDADE ENTRE COMUNIDADES KHOISAN DE ANGOLA E POVOS INDÍGENAS DO BRASIL

Valter Joaquim Vidal¹

RESUMO: Este artigo propõe uma análise comparativa sobre os saberes bioculturais e seu papel estruturante na educação para a biodiversidade, articulando a experiência das comunidades Khoisan em Angola com a dos povos indígenas no Brasil. Partindo da premissa de que a crise ecológica contemporânea decorre de paradigmas hegemônicos, antropocêntricos e dicotômicos que separam natureza e cultura, a investigação examina de que maneira os conhecimentos tradicionais e os mecanismos de transmissão intergeracional fundamentam práticas pedagógicas de caráter emancipatório. Por meio de uma técnica de cunho bibliográfico e documental, o estudo investiga as matrizes cosmológicas, os princípios éticos e a práxis territorial que integram a diversidade biológica e linguística em ambas as realidades do Sul Global. Os resultados analíticos evidenciam que, malgrado as distintas contingências biogeográficas e históricas, os grupos partilham epistemologias relacionais baseadas na reciprocidade, na observação fenológica e na oralidade. Desse modo, o trabalho demonstra que o resgate e a valorização desses patrimônios cognitivos oferecem subsídios teóricos e práticos indispensáveis para a consolidação de uma educação ambiental crítica e para a sustentabilidade planetária.

Palavras-chave: Saberes bioculturais. Educação para a biodiversidade. Povos indígenas. Comunidades Khoisan. Educação ambiental crítica.

INTRODUÇÃO

A crise ambiental contemporânea constitui um dos maiores desafios civilizacionais da atualidade, sendo em grande parte tributária de uma visão ocidental, antropocêntrica e dicotômica que historicamente separou a humanidade da natureza (Velasco, 2009). Em contraponto a esse paradigma hegemônico, os povos tradicionais e originários mantêm sistemas de conhecimento milenares que integram de maneira indissociável a diversidade biológica e a diversidade cultural, conceito consolidado na literatura como diversidade biocultural (Maffi, 2001; Haesbaert, 2021).

O presente artigo, é resultado de um estudo comparativo entre duas realidades socioculturais distintas, porém conectadas por profundos laços históricos coloniais e por similitudes nos desafios socioambientais enfrentados: as comunidades Khoisan em Angola e os povos indígenas no Brasil. Ambas as sociedades possuem sistemas epistemológicos próprios, transmitidos intergeracionalmente, que fundamentam práticas de manejo e conservação dos ecossistemas locais baseadas na reciprocidade e no respeito aos seres vivos.

A motivação central da investigação reside no facto de ter sido estudante de pós-graduação no Brasil

¹ Gestor, pesquisador e docente universitário, professor efetivo no instituto superior politécnico internacional de angola, isia e colaborador na universidade de belas, unibelas. doutorando em agronegócio, com foco em sustentabilidade ambiental, na universidade federal do rio grande do sul, ufrgs, no brasil. mestre em educação, como foco em metodologia de investigação científica pelo instituto superior de ciências da educação do uíge isced-uíge, angola, em regime de convênio com a universidade do porto, Portugal. Licenciado em gestão e administração pública pela universidade Agostinho Neto, UAN.

e professor do ensino superior em Angola, nesta visão, tendo visto na escassez de abordagens comparativas na literatura das ciências sociais, biológicas e ambientais que valorizem o diálogo intercultural Sul-Sul, integrando o patrimônio cognitivo africano e ameríndio. Conforme argumenta Zank et al. (2021), a educação, a etnoecologia e a etnobiologia desempenham um papel crucial ao revelar que os saberes tradicionais não são estáticos, mas dinâmicos e altamente adaptativos.



Fonte: adaptado pelo autor (2026).

A questão norteadora que orienta este estudo formula-se nos seguintes termos: como os diálogos e saberes bioculturais de comunidades Khoisan em Angola e de povos indígenas no Brasil se manifestam em suas práticas educativas para a biodiversidade, e quais são as implicações dessas abordagens para a conservação ambiental e a educação ambiental crítica? Como objetivos, busca-se analisar e comparar os fundamentos pedagógicos e epistemológicos dessas práticas, propondo subsídios teóricos para a articulação entre o conhecimento tradicional e as ciências ambientais.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico deste estudo fundamenta-se em uma perspectiva interdisciplinar que articula a Ecologia Humana, a Antropologia, a Etnoecologia e a Educação Ambiental Crítica. O conceito de diversidade biocultural, conforme postulado por Maffi (2001), postula que a variedade de formas de vida na Terra coevoluiu com a diversidade linguística e cultural humana. A preservação dos ecossistemas está, portanto, umbilicalmente vinculada à garantia dos direitos e dos territórios dos povos tradicionais.

Caracterização dos povos Khoisan de Angola e Indígenas do Brasil

Os povos Khoisan de Angola e os indígenas do Brasil representam pilares fundamentais da diversidade biocultural e das epistemologias do Sul Global. Ambos compartilham uma relação ancestral e simbiótica com seus territórios, fundamentada em saberes tradicionais, práticas de manejo sustentável e na transmissão intergeracional por meio da oralidade e de cosmovisões relacionais.

O povo “Khoisan” de Angola é um dos grupos étnicos mais antigos do continente africano e do mundo. O termo “Khoisan” é uma designação que abrange dois grupos culturalmente distintos: os “San” (ou bosquímanos), que são tradicionalmente caçadores-coletores nômades, e os “Khoi” (ou hotentotes), que praticavam a pastorícia. Sua presença em Angola, sobretudo nas províncias do sul, como o Cunene, Cuando e Cubango, é de longa data.

Para Capemba (2023), historicamente, os Khoisan foram os primeiros habitantes da África Austral, antes da chegada dos povos bantos. Com a expansão dos bantos e, posteriormente, a colonização europeia, foram marginalizados, forçados a se deslocar e perderam grande parte de seus territórios e modos de vida tradicionais. Em Angola, a guerra civil também impactou profundamente essas comunidades.

Linguisticamente, os Khoisan destacam-se pelo uso extensivo de cliques como fonemas. Socioeconomicamente, sua subsistência histórica baseia-se na caça, na recolecção de frutos e plantas medicinais e na pastorícia, o que lhes confere um profundo conhecimento etnobotânico e uma cosmovisão relacional pautada pela reciprocidade e pela sustentabilidade ecológica. A transmissão de seus saberes ocorre essencialmente por meio da tradição oral, mitos e práticas cotidianas. Embora muitos tenham sido forçados a adotar novas formas de subsistência, os Khoisan, ainda preservam bem o seu modo de vida tradicional, eles ainda são fortes na prática da caça, a coleta e na pastorícia, possuem um vasto conhecimento da natureza, incluindo plantas para alimentação e medicina e possuem práticas sustentáveis que passa de geração à geração através da educação ou pedagogias Khoisan.

Figura 2 - Geografia do povo Indígena do Brasil



Fonte: adaptado pelo autor (2026).

Os povos indígenas do Brasil, possuem uma imensa diversidade sociocultural e linguística, compreendendo centenas de etnias distribuídas por todos os biomas do país. Historicamente, suas bases de subsistência fundamentam-se no manejo sustentável da biodiversidade por meio de práticas como a caça, a pesca, a recolecção e a agricultura itinerante, sustentadas por um profundo conhecimento ecológico tradicional.

Conforme Veríssimo (2021), os povos indígenas cosmológica e filosoficamente, compreendem a natureza de forma integrada e relacional, onde o território não é apenas um meio de produção, mas a própria base da reprodução física e cultural. A transmissão de seus saberes, mitos e tecnologias sociais ocorre de maneira intergeracional através da oralidade, dos rituais e do cotidiano nas aldeias. Na atualidade, após séculos de pressões colonizadoras, espoliação territorial e políticas assimilacionistas, esses povos lutam pela demarcação e proteção de suas Terras Indígenas (TIs), concentradas maioritariamente na Amazônia Legal, mas com importantes presenças no Cerrado, na Mata Atlântica e em outras regiões, buscando garantir seus direitos originários, sua autodeterminação e a preservação de suas epistemologias bioculturais frente aos desafios socioambientais contemporâneos.

Essa perspectiva reconhece que a conservação da biodiversidade está umbilicalmente ligada à proteção dos territórios tradicionais e à vitalidade dos saberes autóctones. Além disso, o estudo dialoga com os marcos da Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB, 1992) e com a teoria dos Direitos Bioculturais, instrumentalizando a análise das lutas dessas comunidades pela salvaguarda jurídica e territorial de suas epistemologias.

No que toca à práxis educativa, a Educação Ambiental Crítica afasta-se de visões meramente conservacionistas ou comportamentalistas, questionando as raízes estruturais da degradação ecológica e apostando na emancipação social, no diálogo de saberes e na participação comunitária ativa (Freire, 2017). Essa vertente dialoga diretamente com a pedagogia decolonial e com a interculturalidade crítica, que buscam tencionar a colonialidade do saber e valorizar as epistemologias do Sul Global (Rédau, 2011; Haesbaert, 2021).

No contexto brasileiro, articulam-se as discussões sobre a educação escolar indígena e as lutas históricas pela afirmação indenitária e linguística (Veríssimo, 2021). No contexto angolano, o estudo confronta o apagamento histórico e a invisibilização institucional das comunidades Khoisan, conferindo primazia analítica à oralidade, à ancestralidade e aos processos informais de transmissão intergeracional como pilares de uma resistência civilizacional e pedagógica.

Para apreender as matrizes cosmológicas subjacentes, o estudo recorre ao perspectivismo ameríndio (Viveiros de Castro, 2002) e às ontologias das cosmologias africanas. Tais lentes teóricas permitem superar a concepção da natureza como mero “recurso” passível de exploração instrumental, reposicionando-a como um plexo de sujeitos e relações éticas que moldam os processos educativos locais.

A Etnoecologia e a Etnobiologia, fornecem o instrumental analítico para o exame das crenças, classificações e práticas de manejo que os diferentes grupos culturais mantêm com os seus ecossistemas (Zank et al., 2021). No escopo desta pesquisa, essas disciplinas auxiliam na decodificação do Conhecimento Ecológico Tradicional (CET) dos Khoisan e dos povos indígenas, abarcando dimensões como a etnobotânica (Silva, 2022). Em consonância com os postulados de Diegues (1996) e Toledo (2000), assume-se que os saberes tradicionais não são estáticos ou folclorizados, mas dinâmicos, altamente adaptativos e empiricamente rigorosos, constituindo bases sólidas para a sustentabilidade e a gestão ambiental.

Para a compreensão das ontologias subjacentes, recorre-se ao perspectivismo ameríndio sistematizado por Viveiros de Castro (2002), bem

como aos estudos sobre cosmologias africanas e a centralidade da oralidade. Tais arcabouços permitem examinar a relação de imanência que esses povos estabelecem com o meio natural, onde a biodiversidade não é tratada como mero "recurso natural" a ser explorado, mas como sujeito de relações sociais e cosmológicas.

Tabela 1 - Síntese das dimensões conceituais da diversidade biocultural e educativa.

Dimensão Teórica	Autores de Referência	Princípio Analítico Central
Diversidad Biocultural	Maffi (2001); Haesbaert (2021)	Coevolução entre diversidade biológica, cultural e linguística.
Educação Ambiental Crítica	Freire (2017); Velasco (2009)	Superação do antropocentrismo e transformação social.
Etnoecologia e Saberes	Diegues (1996); Toledo (2000); Zank et al. (2021)	Dinamismo e adaptabilidade do conhecimento tradicional no manejo ambiental.

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

METODOLOGIA

A metodologia adotada neste artigo alicerçou-se em uma abordagem qualitativa, cujo o desenho de estudo foi o analítico-descritivo e comparativo. Esta opção metodológica revelou-se adequada à complexidade do assunto em análise, o qual demanda não apenas a observação das práticas educativas tradicionais, mas a compreensão das nuances cosmológicas, históricas e socioambientais subjacentes à relação entre as comunidades Khoisan em Angola e os povos indígenas no Brasil.

O procedimento metodológico, estruturou-se em três eixos de investigação interdependentes. Primeiramente, a coleta de dados fundamentou-se na análise bibliográfica e documental longitudinal e etnográfica, cujo recorte permitiu investigar as transformações e a permanência dos saberes tradicionais. O corpus documental compreendeu legislações de proteção aos povos originários, relatórios técnicos, além de obras clássicas e contemporâneas sobre etnoecologia e diversidade biocultural (Capemba; Silva, 2023; Zank et al., 2021). Tais documentos são complementados por indicadores e registros sobre a transmissão intergeracional de saberes, essenciais para aferir a capacidade efetiva de conservação da biodiversidade e resistência cultural.

Em segundo lugar, a pesquisa articulou-se por meio de uma revisão sistemática da literatura, que abarcou o arcabouço teórico necessário para a análise da Ecologia Humana e da Educação Ambiental Crítica. A fundamentação teórica foi estabelecida a partir da

convergência entre a diversidade biocultural (Maffi, 2001; Haesbaert, 2021), a pedagogia decolonial e o diálogo de saberes (Freire, 2017), bem como os estudos sobre ontologias indígenas e cosmologias africanas (Viveiros de Castro, 2002).

Por fim, a visão analítica adotada consistiu na comparação intercultural (estudo comparativo Sul-Sul), operando como o método interpretativo para os dados coletados. Esta abordagem permitiu decompor a educação para a biodiversidade em dimensões estratégicas distintas: os povos indígenas no Brasil, enquanto guardiões de saberes baseados no perspectivismo e na sociodiversidade amazônica/nacional, as comunidades Khoisan em Angola, posicionadas como matrizes ancestrais de adaptação a ecossistemas áridos e semiáridos, e a educação escolar indígena/tradicional como o nó articulador que busca equilibrar a identidade cultural com os currículos formais. Esta estrutura metodológica possibilita a construção de inferências robustas quanto à viabilidade de transição de modelos educativos eurocêntricos para práticas pedagógicas interculturais e emancipatórias na CPLP.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise integrada dos dados teóricos, documentais e etnográficos evidenciou que os processos educativos nas comunidades Khoisan (Angola) e entre os povos indígenas no Brasil fundamentam-se em potentes mecanismos de transmissão intergeracional. Verificou-se que a observação participante, a oralidade e a vivência quotidiana nos territórios tradicionais constituem o eixo central de uma pedagogia biocultural genuína, onde a diversidade biológica e a diversidade cultural operam como realidades indissociáveis, conforme postulado por Maffi (2001).

Diferentemente da educação escolar formal ocidental, historicamente marcada por uma fragmentação disciplinar e por um viés antropocêntrico (Velasco, 2009), os sistemas educativos tradicionais de ambos os grupos integram de maneira orgânica as dimensões cosmológicas, ecológicas, espirituais e socioeconômicas. No contexto brasileiro, essa práxis manifesta-se fortemente através de ontologias relacionais e do perspectivismo (Viveiros de Castro,

2002), nas quais os elementos da natureza não ocupam o lugar de meros “recursos”, mas de sujeitos com os quais se estabelecem alianças éticas e de reciprocidade.

Em paralelo, nas comunidades Khoisan em Angola, a adaptação secular a ecossistemas de características áridas e semiáridas moldou um conhecimento ecológico tradicional (CET) altamente refinado sobre o manejo da água, da flora e da fauna local, sustentado pela coesão comunitária e pela memória ancestral (Capemba; Silva, 2023).

A discussão analítica permitiu contrapor as duas realidades e identificar aproximações estruturais significativas. Constatou-se que tanto os Khoisan quanto os povos originários brasileiros enfrentam vulnerabilidades comuns decorrentes de pressões externas e de assimetrias históricas, tais como:

1. O avanço de fronteiras agroindustriais e de políticas desenvolvimentistas hegemônicas que ameaçam a integridade de seus territórios tradicionais;
2. O extractivismo predatório que desestabiliza os ciclos ecológicos locais;
3. A marginalização institucional de suas epistemologias e línguas nos sistemas oficiais de ensino dos países da CPLP.

Apesar dessas barreiras, os resultados demonstram que os saberes tradicionais não são estáticos ou “folklorizados”, mas dinâmicos, resilientes e altamente adaptativos (Diegues, 1996; Toledo, 2000). Esse dinamismo corrobora a tese de Veríssimo (2021) ao evidenciar que a valorização e a inserção dos conhecimentos locais nos currículos educacionais não apenas fortalecem a identidade étnica e o sentimento de pertença, mas fomentam uma consciência ecológica profunda e crítica.

Nesse sentido, a articulação entre a Educação Ambiental Crítica (Freire, 2017) e a interculturalidade crítica revela-se indispensável. A transição de modelos educativos excludentes para práticas pedagógicas emancipatórias exige o reconhecimento do Sul Global como produtor legítimo de ciência e filosofia. A comparação entre o patrimônio cognitivo Khoisan e o acervo dos povos indígenas brasileiros sublinha que a superação da crise socioambiental contemporânea passa, obrigatoriamente, pela descolonização curricular e pela abertura institucional ao diálogo de saberes, transformando a educação para a biodiversidade em um

vetor estratégico de resistência cultural e sustentabilidade planetária.

Ademais, constatou-se que tanto os Khoisan quanto os povos originários brasileiros enfrentam desafios comuns decorrentes de pressões externas, como o avanço de fronteiras agrícolas, extractivismo predatório e a marginalização histórica de suas línguas e saberes nos sistemas oficiais de ensino. A urgência de políticas públicas educacionais interculturais emerge, portanto, como um imperativo para a descolonização curricular e para a conservação efetiva da biodiversidade nos países da CPLP.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo permitiu concluir que os diálogos e saberes bioculturais exercem um papel estruturante na educação para a biodiversidade. Tanto as comunidades Khoisan em Angola quanto os povos indígenas no Brasil demonstram que a conservação ambiental é inseparável da salvaguarda de suas identidades, cosmologias e modos de vida tradicionais.

A investigação empreendida evidenciou ainda que a matriz biocultural constitui o eixo estruturante para a reformulação paradigmática da educação voltada à biodiversidade. A análise comparativa Sul-Sul entre as comunidades Khoisan e os povos originários brasileiros revelou que, as distintas contingências biogeográficas, ambas as formações socioculturais convergem em epistemologias de caráter relacional e holístico, nas quais a preservação ambiental é intrinsecamente indissociável da salvaguarda da diversidade identitária, linguística e territorial.

Constatou-se que os processos formativos tradicionais, ancorados na transmissão intergeracional, na oralidade e na práxis vivencial do espaço geográfico, contrapõem-se frontalmente à racionalidade instrumental e à fragmentação cognitiva inerentes ao modelo educacional hegemônico. O Conhecimento Ecológico Tradicional, consubstanciado tanto nas estratégias de adaptação a biomas de extrema fragilidade ecológica quanto nas ontologias de coparticipação com a natureza, consubstancia um patrimônio empírico e analítico de primeira grandeza para o enfrentamento das crises socioecológicas contemporâneas.

Além disso, o estudo demonstrou que as vulnerabilidades estruturais enfrentadas por esses grupos, impulsionadas por vetores de expropriação territorial e por assimetrias geopolíticas, evidenciam a persistência de lógicas coloniais na gestão dos Estados e dos sistemas de ensino. A superação deste quadro requer a desconstrução do monólogo cognitivo oficial e a implementação de práxis pedagógicas interculturais que operem o diálogo simétrico entre os saberes tradicionais e a ciência moderna.

Em suma, a educação para a biodiversidade transcende a dimensão estritamente instrucional, configurando-se como um vetor geopolítico de resistência civilizacional. As reflexões aqui sistematizadas oferecem o aporte teórico necessário para o desdobramento da investigação empírica doutoral, apontando para a urgência de formulações curriculares emancipatórias capazes de legitimar as epistemologias do Sul Global e orientar novos horizontes para a sustentabilidade planetária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAPEMBA, Cláudia da Glória João; SILVA, Idnira Inácio da. História do povo Khoisan e sua relação com o meio ambiente no território angolano. Em: **SEMINÁRIO UNIVERSITÁRIO DA UNILAB (SEMUNI)**, 2023, Redenção. Anais [...]. Redenção: UNILAB, 2023.
- CONVENÇÃO SOBRE DIVERSIDADE BIOLÓGICA (CDB). **Convenção sobre Diversidade Biológica**: RIO 92. Rio de Janeiro: MMA, 1992.
- DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: NUPAUB/USP, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 67. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade**: sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América Latina. Cidade Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Niterói: Ed. da UFF, 2021.
- MAFFI, Luisa (ed.). **Sobre diversidade biocultural**: ligando língua, conhecimento e meio ambiente. Washington, DC: Smithsonian Institution Press, 2001.
- RÉDUA, Luciane de Souza. **Interculturalidade crítica na formação inicial de professores de Ciências**: saberes sobre a biodiversidade local. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- SILVA, Idnira Inácio da. **Etnobotânica e saberes tradicionais nas comunidades de Angola**. Luanda: Edições Universitárias, 2022.
- TOLEDO, Víctor Manuel. Conhecimento e ecologia indígenas. **Fronteiras em Ecologia e Meio Ambiente**, Washington, v. 1, n. 2, p. 69-70, 2000.
- VELASCO, S. L. Ética e reformulação — fundamentação dos princípios da Educação Ambiental. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 23, p. 1-15, 2009.
- VERÍSSIMO, L. G. S. **Educação escolar indígena e os desafios da interculturalidade**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2002.
- ZANK, Sofia et al. (org.). **Diversidade biocultural na escola**: reflexões e práticas para professoras e professores. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2021.



<https://doi.org/10.52078/g2yjnv63>



COORDENAÇÃO:

Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
Profa. Esp. Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

Alberto Praia Tchinhama	Joice Pereira Marques
António dos Reis Fançony	Katia Aparecida de Sousa Lima
Armando Kangolo Basílio	Lília Stevens de la Cruz
Augusto Hudson Simeão	Luciana Cardoso de Souza
Calunda dos Santos Jorge	Luís Venâncio
Carina Fardim Soares	Lusilene da Rocha Alves
Belkis Tomilson Garcia	Marcelo Cunha
Betsabé Pompa Abreu	Maria Angela Ferreira Oliveira
Chiquito Afonso Fernando	Maria Canga Álvaro
Domingos	Maria Elena dos Santos Silva
Cirlene Alves de Oliveira	Maria Madalena Sampaio Silva
Daniel Cordeiro	Mário Adelino Miranda Guedes
Daniel Marculino Muenho	Mário Jamba Artur
Denilson Genito Moisés dos Anjos	Mirella Clerici
Domingos Tchinhama Mangundu	Nayane Brito Veras Godinho
Edgar Francisco da Silva	Hermisdorf
Gonçalves	Ngombo Rodrigues Lucau
Elaine Santos do Nascimento	Panzo Manuel Bunga
Elizabeth Hama Francisco	Pedro Isaac
Esmael Joaquim Machado	Rafaela Gois Zirpolo
Eugénio Chicapa	Roseli Brito Tenório Ramos
Faustino Moma Tchipesse	Sabalo João Luanda
Fernando Leite Miranda	Suellen Vidal Araújo Da Silva
Gersiane Alves Pavão	Talita Torracca Vieira da Silva
Gouveia de Oliveira Ngunza da Silva	Tamara Garcia Calixto
Guilherme Mateus Moma	Tatiana Miranda Lima
Gustavo Bruno Wandaqueia	Teresa Francisca Nkhulwavo
António	Tomasa Miriam Tabares
Irma Cristina de Moraes	Valquiria Souza Cardoso
Chinhemba	Valter Joaquim Vidal
Jeam Rodrigo de Oliveira	Vidal António Machado
João Eduardo Quinsequi	Walter Albino António Sassoma

Indexadores:



Filiada à:



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres



Parceiros:

